

## Conselho hipócrita não funciona

Antes de frequentar as aulas, David Antônio, 18 anos, saía com colegas que não têm carteira. Agora, consciente do risco, pede para o pai levá-lo a festas e bares ou então vai de táxi ao encontro dos amigos. "Aprendi que não tem essa de empolgação. Porque é nessas horas que a gente faz coisas que não têm nada a ver", diz.

O filho de Diza Gonzaga, Thiago Moraes Gonzaga, morreu em maio de 1995 quando o automóvel em que voltava do Bar Opinião, em Porto Alegre (RS), capotou. Um ano depois, sua mãe criou uma fundação que leva seu nome e um projeto chamado Madrugada Viva, no qual jovens (no início eram amigos de Thiago) vão de bar em bar durante a noite contar sua história dramática. "Falamos de um fato real numa linguagem de jovem para jovem. Não fazemos um discurso hipócrita", garante Diza. E funciona, acima de tudo, porque a campanha não é contra nada, mas a favor da vida. Espera-se, assim, que o slogan da campanha — "Tem mais de 25 000 noites para curtir e dá para viver todas elas" — esteja realmente começando a germinar. ☺

## UM GAME BEM BABACA

Jogos são mera diversão. Mas também têm papel no amadurecimento das emoções, sobretudo de crianças e adolescentes. *Carmageddon* é um game para PC, distribuído pela Brasoft, que se passa numa corrida de automóveis. Mas o importante não é vencer, e sim matar pedestres aos borbotões e bater no maior número de carros. Invasões num campo de futebol americano para atropelar todos os jogadores são comuns. Pessoas gritam, fogem, e suas vísceras voam pela tela quando são pegas pelo estúpido homicida, que ganha bônus cada vez que faz um absurdo. O jogo foi proibido nos EUA, onde só há versão com robôs. Os alunos do Augusto Laranja foram categóricos ao dizer que esse tipo de game não é recomendável. "Quem for influenciável se deixa levar pelo jogo", diz Marcos Feijó, 17 anos. João Carrenho, 17 anos, concorda: "Nos jogos de luta, se alguém enche a paciência, dá vontade de sair batendo! Imagine nesse".



GERMÃO LÜDERS

## SENTINDO NA PELE O TRAUMA

Daniel Tavares Rodrigues, 22 anos, estudante de física médica na Universidade Católica de Porto Alegre (RS), há um ano e meio carrega o fardo da recuperação emocional de um acidente. Ao voltar de um jantar com os amigos às 4 da manhã de um sábado, os faróis da cidade estavam piscando no amarelo. Um ônibus cruzou a Avenida Ipiranga em alta velocidade e os garotos não tiveram como escapar. O motorista e outro amigo morreram. Daniel fraturou o quadril e ficou três meses de muleta. "Só conseguia pensar que graças a Deus o pior não aconteceu comigo", dasabafa Daniel, que desistiu de tirar carta tão logo. "É horrível ter que tomar uma atitude só quando as coisas acontecem com a gente", conta. Hoje, quando sai à noite, não gosta de ficar rodando pela cidade. Ele é membro da Fundação Thiago Moraes Gonzaga desde que ela começou. "Me identifiquei muito com a campanha Madrugada Viva porque ela chama a atenção dos jovens por se tratar da realidade das pessoas", diz. "Tenho amigos que continuam na farra e acham que nunca nada vai acontecer com eles. Mas hoje prefiro sair mais com o pessoal da campanha."



EDISON VARRA

**"Mudei minhas amizades, recuso voltinhas de carro pela madrugada e não tenho a menor pressa em tirar minha carteira. Ainda penso muito no que pode acontecer"**

DANIEL TAVARES RODRIGUES